

## **“A liberdade, segundo Campos” ( 1929-1930 )**

Fernando J.B. Martinho

A frase que serve de mote a este painel, “A liberdade é a possibilidade do isolamento”, foi, como se sabe, retirada de um fragmento do *Livro do Desassossego*. Encarei-a, quando recebi o convite para participar neste congresso, apenas como um ponto de partida para a minha comunicação, exactamente como um mote, um mote que deveria glosar. Cedo, porém, descartei a ideia de me centrar no fragmento em si, de, digamos, proceder a um seu *close reading*. Não é que tal leitura não pudesse vir a ser um exercício interessante. Há, com efeito, no referido trecho matéria mais que suficiente para uma reflexão que coubesse no número de páginas que habitualmente se reservam a uma comunicação. E, além disso, a prosa de Bernardo Soares, a sumptuosa prosa de Soares, está ali, sem sombra de dúvida, no seu melhor. Então, porque não ir por aí, ou, pelo menos, relacionar o fragmento com outros do *Livro* que, com ele, apresentassem alguns pontos de contacto? Como resistir a um outro aliciante do trecho, um que me é particularmente caro, o da sua organização retórica, o daquele surpreendente jogo de variação das pessoas gramaticais, passando de uma segunda pessoa inicial, em que o enunciador se dirige a si mesmo ou a um destinatário que pretende convencer das irrecusáveis vantagens da liberdade, para uma terceira pessoa, em que o narrador enuncia princípios gerais mais em consonância com o espírito de uma reflexão filosófica, e, finalmente, derivando para uma irrupção da primeira pessoa, a trair a presença de um *eu* que nunca, a bem dizer, se ausentou de cena?

A verdade é que me sentia mais atraído por uma aproximação a textos pertencentes a outros lugares da galáxia pessoana, e, a este respeito, a sedução de Campos, que, no meu trabalho crítico, quase sempre abordei na sua relação com a legião de herdeiros de Pessoa na moderna poesia portuguesa, impunha-se de modo

insofismável. Não tanto o Campos das grandes odes sensacionistas, mas o que, depois de um silêncio relativamente longo, reaparece, não já com um tónus vital entusiástico, febril, mas abatido, possuído de fundo e angustiado mal-estar. Um poeta, que não obstante o seu abatimento e a sua visão negra da existência, não dá descanso à pena, incessantemente escreve, servindo-se da escrita para se desafrontar de um inabalável sentimento de fracasso. Melhor que ninguém sintetizou essa relação paradoxal, em Campos, entre a desistência do homem e o frenesim da escrita, Robert Bréchon, autor de uma das melhores biografias de Pessoa, quando, a propósito do período em que nasceu a “Tabacaria”, a ele se referiu como sendo de anos «em que uma extraordinária felicidade da escrita traduz a extraordinária infelicidade de viver» ( Bréchon: 450 ).

Ora uma das verificações que faço, na minha releitura do Campos posterior a 1923, é que uma das suas fases mais fecundas coincide com o ano de 1930, ano para o qual, na sua introdução à edição da *Poesia* de 2002, Teresa Rita Lopes assinala a presença de vinte e um poemas datados ( Lopes, *in* Campos: 31 ). Observo também que 1930 não é apenas um ano fausto para Álvaro de Campos em termos de escrita; é-o igualmente em termos de publicação. O engenheiro dá a lume no Catálogo do I Salão dos Independentes, desse ano, um dos seus textos em prosa, “Toda a arte é uma forma de literatura”, e a *presença*, de que era colaborador assíduo desde o ano da fundação da revista em 1927, insere um dos seus poemas mais emblemáticos, “Aniversário”, no nº 27, de Junho-Julho. Além disso, o Cancioneiro do I Salão dos Independentes, a primeira tentativa de antologiar produções de autores pertencentes, dentro de um conceito alargado, à família modernista, republica aquele que se tornou, pelo muito que revela do espírito de eterna indecisão de Campos, um dos seus mais citados poemas, “Adiamento”, já dado à estampa no ano anterior nas páginas da *Revista da Solução Editora*.

Ao deter-me nos poemas datados de 1929 e 1930 ou a esses anos associados na edição de *Poesia*, de 2002, dou-me conta da preocupação com o desejo de liberdade que, nesse período, claramente domina Campos. É esse anseio de total liberdade face à presença opressiva da sociedade, com a imposição dos seus deveres e obrigações, que o leva a proclamar veementemente, num texto de Junho de 1929: «Sou livre, contra a sociedade organizada e vestida.» ( Campos, 2002: 374 ). E acrescenta, continuando a recorrer aos instrumentos que a sua condição de poeta lhe oferece, a imagem e a metáfora: «Estou nu, e mergulho na água da minha imaginação.» ( *ibid.* ). Já antes, nos dois versos iniciais do poema, dera mostras da sua fidelidade à linguagem poética, longe da transitividade do mero discurso teórico: «Ah a frescura na face de não cumprir um dever!/ Faltar é positivamente estar no campo!» ( *ibid.* ). Não se inibe de afirmar, a todo o passo, a sua rejeição de tudo que lhe possa parecer que traz a marca da imposição social ou possa significar uma limitação ou uma restrição à sua autonomia individual, como se pode ver no verso inicial de um outro texto: «Não ter deveres, nem horas certas, nem realidades...» ( *ibid.*: 373 ). Campos considerava Caeiro seu «mestre», como é bem sabido. Mas isso não o obrigava a segui-lo em toda e qualquer questão. Um fragmento de cerca de 1930 deixa perceber que eles divergiam inequivocamente, por exemplo, quanto ao desejo, à «ambição» de ser livre ou à aceitação do que seria a ordem natural das coisas. O referido fragmento, transcrito em *Prosa de Álvaro de Campos*, edição de Jerónimo Bizarro e Antonio Cardiello ( 2012: 110), reza o seguinte: «O meu mestre Caeiro odiava a ambição. Um dia disse-lhe que desejaria ser o mais livre do mundo. ‘Álvaro de Campos’ respondeu ele, ‘você é o que é sem mais nada’».

Esse desejo de ser o mais livre do mundo transparece nitidamente em dois poemas datados de Agosto de 1930, que têm como tema central a liberdade, embora de modo diferente como teremos ocasião de verificar, e em que iremos, agora, centrar a

nossa atenção, em respeito ao tema deste painel. No primeiro deles, de 11 de Agosto ( 423-424 ), Campos começa por proclamar que a «liberdade» é o valor que mais preza, quando comparada com o que o mundo tem para lhe dar, o «amor», a «glória», o «dinheiro» e o conforto. O que a sociedade lhe oferece não é mais do que «prisões», que o limitam e impedem de plenamente fruir a sua liberdade. Tal como no fragmento do *Livro do Desassossego*, esta identifica-se com «a possibilidade do isolamento». E só o isolamento poderá proporcionar-lhe o encontro consigo mesmo: «Ah, deixem-me sair para ir ter comigo./ Quero respirar o ar sozinho./ Não tenho pulsações em conjunto,/ Não sinto em sociedade por quotas,/ Não sou senão eu, não nasci senão quem sou, estou cheio de mim.» Esta proclamação tão firme, por parte do sujeito poético, da sua liberdade individual, perante as limitações que reconhece na comunidade, no «conjunto» de que pretende separar-se, levou Teresa Rita Lopes a falar de «ímpetos anarquistas», na introdução à edição de *Poesia* ( Lopes, *in* Campos: 32 ), a propósito deste mesmo poema. Difícil é não lhe dar razão, sobretudo se entendermos o adjectivo *anarquista* num sentido lato. Com efeito, o individualismo de Campos, o seu anarquismo individualista é mais de teor existencial do que propriamente do domínio da filosofia política. Claro que o poema deixa perceber que, para o sujeito, os direitos do indivíduo são fundamentais, e que ele não está disposto a aceitar que os outros possam pôr em causa ou restringir a sua autonomia individual, como pode ver-se nos versos da segunda estrofe, que, aliás, evocam versos bem conhecidos de “Lisbon revisited ( 1923 )” ( Campos: 271-272 ): «Não quero! Dêem-me a liberdade!/ Quero ser igual a mim mesmo./ Não me capem com ideais!/ Não me vistam as camisas-de-força das maneiras!/ Não me façam elogiável ou inteligível!/ Não me matem em vida!» ( *ibid.*: 423 ). O acentuar o carácter existencial do *anarquismo individualista* de Campos, em detrimento de uma sua leitura em termos de filosofia política, não quer dizer que não se

reconheça a presença de uma *metafísica* em Campos, que ele próprio, num poema de 1927, afirma possuir, «porque [ pensa ] e [ sente ]» ( *ibid.*: 314-315 ). De resto, num trecho de 1931 das suas *Notas para a Evocação do Meu Mestre Caeiro*, volta a falar da existência nele de uma «metafísica», que, à semelhança da de Reis, não iria, todavia, além de «meras vaguidades poéticas tentando esclarecer-se» ( Campos, 1997: 49 ). Quanto a Caeiro, sublinha ele, a sua «alma», contrariamente à dos seus dois discípulos, «era de certezas poéticas não buscando esclarecer-se» ( *ibid.* ). Apenas, porém, a propósito de António Mora, acrescenta Campos, se podia verdadeiramente falar de um «sistema» ( *ibid.* ). Este, diz ele, «interpreta com a razão; se tem sentimento, ou temperamento, anda disfarçado», diversamente de Campos e Reis, que, enquanto poetas, interpretam «ainda com sujidades de sentimento» ( *ibid.*: 50 ). Num sentido *técnico*, digamos, somente em relação a Mora, prosador, recordemos, Campos fala tranquilamente de filosofia, por ter sido António Mora, segundo pensa, o único que concebeu um verdadeiro «sistema filosófico» ( *ibid.*: 56 ). A própria condição de poeta que é a de Caeiro, a encararia Campos como um impedimento a que o mestre de todos eles pudesse, afinal, ter uma filosofia: «Não sei se a filosofia de António Mora será o que seria a de Caeiro, se o meu Mestre a tivesse. Mas aceito que seria a filosofia de Caeiro, se ele a tivesse e não fosse poeta, para a não ter.» ( *ibid.*: 55 ). O gosto de Campos pelos paradoxos pode ir longe de mais, mas reconheçamos que o que ele está a dizer não se afasta muito do que o encenador de todo este drama um dia escreveu acerca de si mesmo: «I was a poet animated by philosophy, not a philosopher with poetic faculties.» ( Pessoa, 2003: 18 ).

Voltando à questão da relevância da afirmação da autonomia individual no poema de 11 de Agosto de 1930 que estávamos a analisar, convirá esclarecer que tal afirmação é um traço definidor do engenheiro metafísico e que o Campos do período

anterior, o do engenheiro sensacionista, navega claramente por outras águas, de sentido claramente oposto. Basta, a este respeito, ler o que este deixou escrito no “Ultimatum” do *Portugal Futurista*, de 1917: «A personalidade de cada um de nós é composta [...] do cruzamento social com as ‘personalidades’ dos outros, da imersão em correntes e direcções sociais e da fixação de vincos hereditários, oriundos, em grande parte, de fenómenos de ordem colectiva. Isto é, no presente, no futuro, e no passado, somos parte dos outros, e eles parte de nós. Para o auto-sentimento cristão, o homem mais perfeito é o que com mais verdade possa dizer ‘eu sou eu’; para a ciência, o homem mais perfeito é o que com mais justiça possa dizer ‘eu sou todos os outros’.» ( Campos, 2012: 156 ).

É tempo de regressarmos ao nosso texto, ao poema dominado pela primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *querer* ( Campos, 2002: 423-424 ). Através da reiteração dessa forma verbal exprime o poeta desejo, e, ocasionalmente, o seu contrário, a rejeição. Desejo, pois, de liberdade, de encontro consigo mesmo, com o seu eu mais autêntico, de isolamento, e, finalmente, de encontro com o universo, a imensidão cósmica, e, diante desse espaço, liberto de todo o tipo de limitação, alcançar o «sossego», a «paz». Impenitente insone, Campos procura no sono uma forma de libertação. O que o cosmos tem para lhe oferecer é um espaço ilimitado, sem a exiguidade do «guarda-fato» do quarto claustrofóbico. A contemplação do universo propicia a sensação de «paz» que favorece a chegada do sono, aquele que é, porventura, o maior desejo do sujeito, e cuja realização o encurtamento progressivo dos versos finais exemplarmente figura. Mas porquê querer dormir no «quintal»? O quintal não representa apenas um lugar fora da casa, indispensável, na circunstância, para uma mais funda união com o universo. Não se trata de um qualquer quintal, mas sim de um quintal que, indirectamente, figura a infância do sujeito, aquela que ele desejaria ter mantido ou retido, e de que fala um outro poema de 1930, com alusões de fácil

reconhecimento à «casa antiga da quinta velha» na Tavira da sua meninice: «Estou cansado da inteligência./ Pensar faz mal às emoções./ Uma grande reacção aparece./ Chora-se de repente, e todas as tias mortas fazem chá de novo/ Na casa antiga da quinta velha./ Pára, meu coração!/ Sossega, minha esperança factícia!/ Quem me dera nunca ter sido senão o menino que fui.../ Meu sono bom porque tinha simplesmente sono e não ideias que esquecer!// Meu horizonte de quintal e praia!/ Meu fim antes do princípio!// [...]» ( *ibid.*: 406 ). De resto, a bola referida na parte final do poema ( «Quero saber atirar com essa bola alta à lua/ E ouvi-la cair no quintal ao lado!» ) não deixa margem para dúvidas quanto à ligação do quintal à infância do sujeito poético.

Campos volta ao tema da liberdade escassos seis dias depois. A liberdade por que anseia, no novo poema ( *ibid.*: 425-426 ), não é, no entanto, do mesmo teor. Já não equivale apenas a um desejo de isolamento e à defesa intransigente da sua autonomia individual, implicando a recusa quer das imposições da sociedade quer da intromissão dos outros no seu projecto de vida. Não lhe basta, agora, o encontro consigo mesmo que o afastamento da comunidade tornou possível. Ou mesmo a união com o cosmos. Sente necessidade de ir mais longe, de atingir o que chama no segundo verso a «verdadeira liberdade». E esta será a que lhe permita ser ele próprio, na sua autenticidade mais íntima, mais funda. Sem a «influência» do que lhe seja exterior, desde as ficções romanescas às ilusões de saber, de progresso e de prazer que o mundo põe à sua disposição: «Pensar sem desejos nem convicções./ Ser dono de si mesmo sem influência de romances! Existir sem Freud nem aeroplanos,/ Sem cabarets, nem na alma, sem velocidades, nem no cansaço!». Não é de estranhar, esclareça-se, a presença de Freud neste contexto, conhecidas como se tornaram, através da longa carta a Gaspar Simões de Dezembro do ano seguinte ( cf. Martines, edição e estudo, 1998: 172-182 ), as restrições que Pessoa levantava ao criador da psicanálise e aos seus seguidores. Há,

por outro lado, indubitavelmente, uma dimensão utópica no propósito de Campos de alcançar um pensamento puro, não tocado nem por «desejos» nem por «convicções». Como também é no mínimo difícil conceber um pensamento totalmente imune ao discurso da cultura envolvente ou ao contexto sócio-histórico. Há, assim, que ler esta ambição de liberdade no quadro mais amplo do desejo de um outro tipo de existência, mais calma, mais sã, mais simples, mais atenta «às coisas naturais». O Campos metafísico, torturado pela descrença, pelo cepticismo, pelo niilismo, surge-nos aqui nostálgico de uma simplicidade sinónima da aceitação dos «outros» e da sua humanidade, e de se entregar aos prazeres mais simples, como fruir a natureza sem intermediações, e deliciar-se com a frescura da água.

No meio do quadro idílico que desenha de sintonia perfeita com os outros, figurados aqui pela «criança», pela «velha bondosa» e pelo «amigo sério», irrompe inesperadamente o mal-estar, o desencanto tão enraizado no Campos metafísico: «Que vida tem sido a minha!/ Quanto tempo de espera no apeadeiro!/ Quanto viver pintado em impresso da vida!» ( Campos, 2002: 425 ). Imediatamente a seguir, porém, e em contraponto a esta súbita queda na melancolia, reitera a sua «sede», a «sede sã» de alguma coisa que seja distinta de um presente sempre ensombrado pelo abatimento, e pela sensação de uma ausência de sentido em tudo. E retorna o seu irreprimível desejo de «liberdade»: «Ah, tenho uma sede sã. Dêem-me a liberdade» ( *ibid.*: 426 ). Uma liberdade explicitamente associada à infância, que faz representar por um simples púcaro para beber água, um modestíssimo objecto, dotado, contudo, de um poder mágico e de grande capacidade evocadora de todo o universo da sua meninice fictícia em Tavira: «Dêem-na no púcaro velho de ao pé do pote/ Da casa de campo da minha velha infância.../ Eu bebia e ele chiava,/ Eu era fresco e ele era fresco,/ E como eu não tinha nada que me ralasse, era livre.» ( *ibid.* ). Mas o espírito inquieto e interrogativo de



Campos não desaparece depois deste comovente arrebatamento bucólico. O fecho do poema, com o recurso a um velho *topos*, desde sempre ligado à meditação melancólica, o *ubi sunt?*, ilustra bem a relevância que nele tem um movimento de insanável vaivém entre a *utopia* e o *desencanto*: «Que é do púcaro e da inocência?!/ Que é de quem eu deveria ter sido?!/ E salvo este desejo de liberdade e de bem e de ar, que é de mim?» ( *ibid.* ).

Permitam-me que termine com uma citação de um livro de ensaios de Claudio Magris, *Utopia e Desencanto*, de 1999, em que o escritor italiano defende a ideia de que existe uma «inseparável simbiose» entre a utopia e o desencanto ( Magris, 2001: 16 ), os quais, «mais do que contrapor-se», em sua opinião, «têm que sustentar-se e corrigir-se reciprocamente» ( *ibid.*: 13 ). Talvez as teses expostas pelo grande ensaísta italiano no seu livro possam ajudar a melhor perceber o entendimento existencial que Campos tem do conceito de liberdade, no período do seu percurso de que aqui tratámos. Transcrevo, então, o passo que tinha em mente: «O desencanto é uma forma irónica, melancólica e aguerrida da esperança: modera o seu *pathos* profético e generosamente optimista, que subestima facilmente as pavorosas possibilidades de regressão, de descontinuidade, de trágica barbárie latentes na história. Talvez não possa existir um verdadeiro desencanto filosófico, mas sim apenas poético, porque somente a poesia é capaz de representar as contradições sem as resolver conceptualmente, mas sim comendo-as numa unidade superior, elusiva e musical.» ( *ibid.*: 15 ).

#### Referências bibliográficas:

- BRÉCHON, Robert, *Estranho estrangeiro: Uma biografia de Fernando Pessoa*, Lisboa, Quetzal, 1996.
- CAMPOS, Álvaro de, *Notas para a recordação do meu mestre Caeiro*, textos fixados, apres. e org. por Teresa Rita Lopes, Lisboa, Estampa, 1997.
- CAMPOS, Álvaro de, *Poesia*, ed. de Teresa Rita Lopes, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002.
- MAGRIS, Cláudio, *Utopia y desencanto*, Barcelona, Anagrama, 2001.
- PESSOA, Fernando, *Fotobibliografia ( 1902-1935 )*, org., introd. e notas de João Rui de Sousa, pref. de Eduardo Lourenço, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Biblioteca Nacional, 1988.

PESSOA, Fernando ( ed. crítica de Fernando Pessoa ) *et al.*, *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da “presença”*, ed. e estudo de Enrico Martines, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

PESSOA, Fernando, *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*, ed. e pref. de Richard Zenith, colab. de Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003.

PESSOA, Fernando, *Livro do desassossego composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*, ed. de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 8ª ed., 2009.

PESSOA, Fernando, *Prosa de Álvaro de Campos*, ed. de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello, colab. de Jorge Uribe, Lisboa, Ática, 2012.